



Editorial: O Livro de Josué: a “terra” como dom de Deus ao seu povo

*Editorial:
The Book Of Joshua:
the “land” as a gift of God to his people*

Fabio da Silveira Siqueira

O dossiê deste número de *ReBiblica* tem como tema “O livro de Josué”, contando com oito artigos, que versam sobre diferentes aspectos literários e teológicos desta obra que abre o conjunto que se costuma chamar de “livros históricos”. Com este dossiê, *ReBiblica* presta um relevante serviço não somente ao campo acadêmico, trazendo à luz importantes reflexões, como também ao campo pastoral, tendo em vista que a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil escolheu o livro de Josué como objeto de estudo e reflexão para o mês da Bíblia de 2022.

O livro de Josué encontra-se na segunda parte da Bíblia Hebraica, o bloco dos Profetas, mais precisamente no início dos Profetas Anteriores. Durante muito tempo, a exegese bíblica concentrou sua atenção no estudo do Pentateuco ou *Torá*. No que tange ao estudo dos chamados Profetas Anteriores – Josué, Juízes, Samuel e Reis – a atenção veio um pouco mais tarde.

Paulatinamente, foram sendo dados passos no sentido de se perceber que não somente o Pentateuco mas, também, os Profetas Anteriores, poderiam ser vistos em conjunto. Em campo católico, André Masius, no séc. XVI, foi um dos pioneiros, afirmando que deveria haver um redator comum para o conjunto dos livros de Josué a Reis. Foi Baruch Spinoza, todavia, que deu um passo muito significativo, reconhecendo o caráter “deuteronomista” de tais livros. Assim ele afirmou, em 1670, na sua obra “Tratado Teológico-Político”: “Tudo quanto está escrito nos livros que temos (Js – 2Rs) tem o único objetivo de expor as palavras e leis de Moisés (Dt) e comprová-las através de acontecimentos posteriores”.

A partir das bases colocadas por André Masius e Baruch Spinoza, os estudos exegeticos foram avançando. Foi, contudo, Martin Noth, na sua obra *Überlieferungsgeschichtliche Studien* (Estudo sobre a história das tradições), publicada em 1943, quem “criou”, por assim dizer, a designação “Obra Deuteronomista de História” para referir-se ao conjunto Js – Rs. Através da análise do que ele chamou de “capítulos de transição”, ele admitiu o caráter deuteronomista desses livros, ou seja, sua estreita conexão literária e teológica com o livro do Deuteronomio, embora este sirva como obra de conclusão para o *corpus* do Pentateuco.

Depois de Martin Noth, outros exegetas continuaram debruçando-se sobre o tema, ora concordando, ora discordando de suas conclusões, mas sem nunca negar o caráter deuteronomista desses escritos. Tal avanço no campo teológico foi fundamental para que se pudesse analisar cada uma das obras, Josué evidentemente entre elas, a partir da perspectiva teológica contida no livro do Deuteronomio. Esta se mostra refletida em várias partes do livro como, por exemplo, as palavras de Josué aos rubenitas em Js 22,5, um claro eco de Dt 6,5:

Tende cuidado, somente, de pôr em prática com diligência o mandamento e a Lei que Moisés, servo de YHWH, vos estabeleceu: amar YHWH vosso Deus, seguir sempre seus caminhos, observar os seus mandamentos, apegando-vos a ele e servindo-o de todo vosso coração e de toda vossa alma.

O livro pode ser dividido em três partes: os caps. 1 – 12; 13 – 22; 23 – 24. Na primeira parte, onde é recorrente a expressão “dar a terra” (Js 1,2), o tema é a conquista da terra. Nos caps. 13 – 22, a terra conquistada é dividida entre as tribos. Duas expressões marcam essa segunda parte do livro: a expressão “dividir a terra” (Js 13,7) e a expressão hebraica *naḥālā*, normalmente traduzida como “posse hereditária” (Js 15,20). O livro termina, à semelhança do que acontece também com o Deuteronomio e com o livro do Gênesis, com os discursos finais de Josué, que colocam o povo diante de uma escolha: “servir a YHWH” ou “servir aos deuses estrangeiros”. Desta escolha fundamental dependerá o futuro do povo na terra: “Se transgirdes a Aliança que YHWH vosso Deus vos impôs, e se servirdes a outros deuses e vos prostrardes diante deles, então a ira de YHWH se inflamará contra vós e bem depressa desaparecereis da boa terra que ele vos deu” (Js 23,16). Como é

possível perceber, o tema da “terra como dom de YHWH” perpassa todo o livro, sendo considerado por alguns estudiosos como seu tema principal.

A este respeito, o livro não deixa de suscitar questionamentos, sobretudo quando confrontado com a pesquisa arqueológica. Estudos das últimas décadas trouxeram à tona o debate acerca do modo como Israel, de fato, entrou na terra. A teoria de uma “conquista militar unificada” foi sendo cada vez mais questionada, o que tornou necessário compreender o sentido de “história” para os hagiógrafos. Além disso, a chamada lei do *anátema* (*hērem*) conforme apresentada tanto em Deuteronômio quanto no livro de Josué, deixa atônito o leitor, sobretudo quando este confronta tais passagens com outras, tanto do Antigo quanto particularmente do Novo Testamento, onde a violência é duramente criticada.

A Exortação Apostólica Pós-Sinodal *Verbum Domini* (2010), do Papa Bento XVI, no n. 42, afirmou que algumas páginas da Bíblia, conforme visto acima com relação ao livro de Josué, “se apresentam obscuras e difíceis por causa da violência e imoralidade nessas referida”. Além disso, a mesma Exortação pediu que se aprofundasse o estudo acerca do tema da inspiração dos textos bíblicos, a fim de que se pudesse compreender de modo mais claro o tema da *verdade* das Sagradas Escrituras, conforme exposto na Constituição Dogmática *Dei Verbum* (n. 11). Como resposta a tal solicitação, veio à luz, em 2014, o documento *Inspiração e Verdade da Sagrada Escritura*, da Pontifícia Comissão Bíblica. Duas reflexões desse documento iluminam os dois temas complexos de Josué ressaltados no parágrafo anterior: o sentido de “história” para o hagiógrafo e o problema da violência.

Com relação ao primeiro tema apontado, o documento *Inspiração e Verdade da Sagrada Escritura*, no n. 70, afirma que “Cada tentativa de interpretar a história bíblica numa perspectiva moderna se expõe ao perigo de ler os textos fora da sua intenção e de não acolher a sua plenitude de significado”. Sendo assim, o livro de Josué não pode ser lido como se fosse uma obra historiográfica moderna. Mais que o simples factual, o livro quer apresentar a história como “história da relação de Deus com seu povo”. O interesse do autor não está, em primeiro lugar, em narrar de modo detalhado a conquista da terra, mas sim em colocá-la em estreita conexão com a ação de Deus, que guia o seu povo do Egito em direção à terra da promessa e lhe oferece a mesma terra como dom. O mesmo documento, no n. 127, afirma que a “conquista da terra”, conforme apresentada em Josué, demonstra a vitória do

mais frágil sobre o mais forte, tema recorrente nas Escrituras, uma vez que o povo que seguia Josué estava em desnível de forças e poderio bélico em relação aos cananeus que habitavam a terra.

A respeito do tema da violência e, particularmente, da lei do *anátema*, o documento, além de ressaltar a importância de se ler cada texto no conjunto da Escritura, a fim de se perceber seu real sentido, chama a atenção também para o caráter teológico de tais narrativas. No seu n. 127, ele afirma que tais textos não devem ser lidos como se fossem descrições históricas, tendo em vista que foram escritos bastante tempo depois que o povo já estava na terra, tempo no qual tais populações que ofereciam risco a Israel já não eram mais identificáveis. Os textos que fazem referência ao *anátema* devem ser lidos, ao molde do que faziam os autores cristãos dos primeiros séculos, como sendo uma “parábola” da vitória dos humildes e do atuar-se do juízo divino na história, tendo em vista que o Deuteronômio afirma que não é por causa da “justiça” de Israel que YHWH lhe dará a terra mas, sim, por conta da “perversidade” dos cananeus que ali habitavam e que, justamente por causa de tal perversidade, seriam dali expulsos (Dt 9,4-5).

Estudar a relação da exegese com a história e penetrar a teologia do livro de Josué, compreendendo de modo mais profundo seu gênero literário, permite conhecer melhor seu sentido literal e atualizar sua mensagem, evitando-se, assim, interpretações espúrias e aplicações indevidas do texto sagrado. O presente número de *ReBiblica*, com seu valioso dossiê sobre o livro de Josué, é um significativo contributo nesse sentido. Que a semente lançada, com tão esmerado trabalho, pelos estudiosos que aqui apresentam o fruto de seus estudos, possa encontrar solo fértil no coração dos leitores, produzindo frutos cem por um! Que neles cumpra-se a palavra do salmista: “Os que semeiam entre lágrimas, ceifarão entre gritos de exultação!” (Sl 126[125],5).

Fabio da Silveira Siqueira

Doutor em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro
Docente do Programa de Graduação em Teologia da
Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro
Rio de Janeiro / RJ – Brasil
E-mail: fabio-siqueira@puc-rio.br